



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**MIRAILDES MACIEL MOTA
(FORMIGA)**

(depoimento)

2014

FICHA TÉCNICA

Número da entrevista: E-441

Entrevistada: Miraildes Maciel Mota (Formiga)

Local da entrevista: Centro Olímpico

Entrevistadoras: Caitlin Davis Fisher e Nadja Marin

Data da entrevista: maio de 2014

Transcrição: Isabela Lisboa Berté

Copidesque: Isabela Lisboa Berté

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 17 minutos e 38 segundos

Páginas Digitadas: 6 páginas

Observações:

Entrevista realizada pelo coletivo Guerreiras Project com o objetivo de gerar a produção de um vídeo sobre futebol e mulheres no Brasil.

Cedida para publicação no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte em agosto de 2014.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada

Sumário

Tatuagem; Envolvimento com o futebol; Situação atual do futebol feminino no Brasil; Preconceito; Relação com a família; O que espera do futuro futebol feminino no Brasil; Planos após sua aposentadoria; Opção por permanecer jogando no Brasil; Mensagem para fã.

C.F. –Vamos começar a entrevista:

M.M. – Não faz pergunta difícil não, [RISOS] aí eu já fujo, eu já corro. Eu já não gosto dessas coisas, não vou mentir, mas eu estava rezando pra vocês não virem para o jogo. [RISOS] Não é se esconder.

C.F. – Então...

M.M. – Vamos ver se vai funcionar minha memória, porque ultimamente eu ando ruim, a idade não permite lembrar muitas coisas. Caitlin... [RISOS]

C.F. – Quero saber todos os campeonatos que você jogou, dezesseis anos, o nome do campeonato, o ano do campeonato... Estou brincando.

M.M. – Nossa, vamos lá! Amanhã a gente vai embora. [RISOS]

C.F. – Só para dar um pouco de contexto, a gente está fazendo entrevistas com mulheres jogadoras, agora a ideia é fazer um vídeo.

M.M. – Então, vamos ver se eu lembro de alguma coisa. Podemos? Bom, meu nome é Miraildes, mais conhecida como Formiga. Sou de Salvador, comecei aos sete anos de idade e aos doze, se eu não me engano, foi o meu primeiro campeonato profissional, e aos quinze para os dezesseis eu estava na seleção. Acho que agora são dezoito, dezenove anos de seleção.

N.M. – Quem que te encontrou lá para você ir pra seleção? Como foi?

M.M. – Quando eu comecei a jogar lá em Salvador, eu jogava futsal, no meu bairro, acho que só tinha eu assim como destaque. E daí tinha um time em Salvador que me convidou para jogar futsal, e aí fui jogando e acabou tendo campo também. Que foi até o time do Bahia¹ que acabou surgindo e fez uma junção com o time com São Paulo, que na época era o SAAD.² Então, aos treze para quatorze anos, já estava vindo pra São Paulo, para jogar campo no SAAD e dali eu fui para um campeonato brasileiro, que foi no sul. Eu já com quinze para dezesseis e fui a revelação do campeonato e daí já fui convocada para seleção, para o primeiro mundial, já com dezesseis anos.

¹ Esporte Clube Bahia.

² SAAD Esporte Clube.

C.F. – Dezesesseis anos? Então, você pode falar um pouco sobre isso? Ela falou para mim, não sabia, que você é a única menina no Brasil que jogou todas as copas³ e as olimpíadas⁴?

M.M. – Isso é verdade.

N.M. – Que tem mais olimpíadas também, não é? A mulher que tem mais olimpíadas na Seleção do Brasil?

M.M. – Tem. Se eu não me engano tem um jogador também, não sei se foi de vôlei. Não de vôlei não, não sei se é atletismo, eu sei que tem um que... É, tem... É, eu fico feliz, eu não posso lhe dizer, com toda clareza, o que isso significa para mim no momento, ainda não caiu a ficha, por assim dizer. Mas eu fico feliz, de certa maneira, ter mais uma brasileira batendo *record* em relação ao futebol. Hoje nós temos a Marta⁵, melhor do mundo cinco vezes, tem a própria Cristiane⁶ que bateu o recorde em olimpíadas e eu com essa marca. Mas, com certeza, de isso tudo, o que a gente ficaria mais feliz é se a nossa modalidade fosse mais respeitada no nosso país, não é? Não adianta você ter uma marca, um histórico pessoal e onde sua modalidade não esteja tão acima onde você realmente queria que estivesse.

C.F. – E o que você acha olhando atrás, a história do futebol feminino [INAUDÍVEL] e olhando para frente, por perspectiva. Como é a evolução do jogo, apoio, estádio. Melhor agora?

M.M. – Melhorou um pouco, não vamos dizer que seja em uma velocidade favorável, não está, não é? Está um pouco lenta ainda esse crescimento do futebol no Brasil feminino, a ajuda na verdade. A gente teve uma época onde tivemos mais apoio, que foi em 1997, as coisas funcionaram bastante, praticamente todos os times de camisa, de nome, tinham departamento de futebol feminino. Hoje já são poucos, deu uma estancada. Mas eu espero que com esse Mundial⁷ no Brasil, mesmo a mídia esteja toda envolvida com o masculino, mas que pelo menos sobre um pouco de algo para o futebol feminino também. Eu acredito que não só o futebol feminino, mas sim todas as modalidades são carentes em relação a apoio. E que a gente possa desfrutar também de tudo o que foi feito aqui, porque querendo

³ Copa do Mundo de Futebol Feminino.

⁴ Jogos Olímpicos.

⁵ Marta Vieira da Silva, atacante da Seleção Brasileira.

⁶ Cristiane Rozeira de Souza e Silva, atacante da Seleção Brasileira.

⁷ Copa do Mundo FIFA de 2014.

ou não, ano que vem já temos o nosso mundial e em seguida já temos as olímpiadas que vai ser no Brasil. Então que tudo que está envolvido nesse mundial em relação ao masculino, seja transferido para todas as modalidades, para que todos possam ser felizes. Eu acho que o nosso país ele não tem que ter um olhar só para o masculino, no caso futebol, até porque outros atletas também, que dependem muito, e precisam de apoio.

C.F. – E você está dentro do futebol feminino há muito tempo, você acha que ainda existe preconceito?

M.M. – Existe, claro. Bem menos do que quando eu comecei. Eu acredito que na época de Fanta⁸, Pretinha⁹, Roseli¹⁰ o preconceito era bem maior. Eu, às vezes, converso com elas hoje em dia e elas falam que realmente é verdade, hoje está mais fácil das mulheres praticarem esportes. O futebol no Brasil, antigamente, as críticas já vinham dentro de casa, o preconceito já vinha de dentro. E hoje já é diferente, hoje os pais já levam suas filhas, já procuram a escolinha pra levar. Não tem mais aquela briga: "Minha filha tem que ficar na cozinha, tem que ajudar a mãe, tem que...". Não! E eu dou graças a Deus. Eu sinto muito pela parte delas, por terem parado, terem sofrido tanto preconceito, que sofreu. E hoje também não ter um apoio por ter parado, é triste, mas eu acredito que um dia a gente vai chegar lá. Vai acabar todo esse preconceito. Até mesmo aqueles que estão a frente da nossa entidade maior, possam olhar um pouco mais com carinho pro futebol feminino.

C.F. – E você enfrentou preconceito, tipo como criança, menina, seus pais apoiaram você?

M.M. – Minha mãe sempre me apoiou, meus padrinhos... Meus irmãos que foram um pouco contra, dois, os mais velhos. Mas eu sempre corri atrás do que eu sempre sonhei e desejei ter, eu não desisto fácil, por mais que tente me tirar na marra, eu não saio. Mas ainda tendo o apoio da minha mãe, dos meus tios também, sempre me levando, dando um jeito para que eu fosse para o treino. Eu sabia que tinha gente por trás que acreditava no meu talento, não tinha porque eu desistir dele. Então foram eles que me deram força, e eu continuei, e estou aqui até hoje, graças a Deus, conquistando bastante coisa. E hoje, meus irmãos, eles são orgulhosos de mim e eu falo pra eles: "Olha aí, se eu tivesse parado só pelo seu preconceito?" Mas aí, na verdade, era um pouco de raiva, acho, porque eu era a única deles ali, que são cinco irmãos, que saiu com habilidade um pouco a mais. Então os

⁸ Nome sujeito a confirmação.

⁹ Delma Gonçalves.

ciúmes, os amigos falarem: "Sai daí, não quero você. Quero a sua irmã no meu time."
Tinha muito disso, não é?

C.F. – Então você tem cinco irmãos?

M.M. – Agora só quatro.

C.F. – Mas e você era a única menina?

M.M. – Aham, sou a única.

C.F. – E jogou com eles?

M.M. – Eu jogo no meio deles e sempre os amigos me convidavam para jogar, mas não convidava eles. [RISOS] Então, havia um pouco do preconceito em relação a isso deles não quererem que eu jogasse no meio de homem, eu sou a única mulher no meio de homens. Por outro lado, era um pouco de preocupação deles também, mas o preconceito existia também, porque eles sempre falavam que eu tinha que ficar em casa para arrumar a casa e tomar conta do meu irmão mais novo. E eu sempre fugia e levava o irmão mais novo para jogar bola. [RISOS]

C.F. – E você acha que jogando com eles você melhorou muito como jogadora?

M.M. – Ah, com certeza. Até porque você jogar com homem, o homem ele tem uma força física bem maior do que a nossa, então, você vai acostumando com as pancadas. E no feminino não tem tanta pancadaria, visto o dos homens, por eles serem bem mais fortes, tudo. Então aprendi a cair já levantar e dar sequência. Hoje é difícil, até você vê no feminino assim, na experiência já que eu tenho, de bater já ficar no chão, rolando isso aquilo outro. Já levanta e vamos embora. Então aprendi a apanhar e não chorar. [RISOS]

C.F. – E você acha que o Brasil nunca ganhou, até hoje, medalha de ouro ou Copa do Mundo. E você acha que mudaria alguma coisa se a seleção brasileira ganha ouro ou...?

M.M. – Não daria certeza que mudaria, porque a gente chegou a ganhar uma prata, onde tudo poderia mudar, em algumas coisas. A gente poderia ter mais apoio para os campeonatos que a gente fosse disputar e as coisas foram para trás. Então a gente deu um passo à frente e quem estava à frente nosso, que é a nossa confederação, deu um passo

¹⁰ Roseli de Belo.

atrás. Meio que abandonou a gente. Então dali daquela sequência já era para dar continuidade, tinha que fazer um planejamento para que aquele grupo não caísse de rendimento e sim subisse, para que no próximo a gente pudesse ganhar. E não aconteceu. Então hoje a gente tem uma pulga atrás da orelha, será realmente que mudaria de uma vez se a gente ganhasse uma medalha ou não? Então fica um ponto de interrogação muito grande. Não só na minha cabeça, mas de todas também. Mas é claro que o pensamento é sempre positivo, a gente quer que vá e aconteça essa evolução e pelo menos ter a chance de ter tudo que a gente quer.

C.F. – E você... Que é o seu sonho em relação ao futebol feminino, que você gostaria? Você falou um pouco disso, mas...

M.M. – Cara, eu quero o respeito total, da gente poder ter o direito de tudo. Porque, como eu falo para as meninas: A gente não está pedindo migalhas, a gente já mais do que provou que sabemos sim jogar futebol. Então a gente quer o futebol feminino em um patamar maior e não do jeito que está. Ter o respeito, ter o direito de jogar em estádios bons, nem que seja nas preliminares deles. A gente não quer chegar no nível do masculino, mas que o respeito seja bem melhor, que tenha direito a tudo que o esporte profissional tem. Hoje ainda tratam o futebol feminino como amadorismo e a gente não é mais amadora. Nós temos que ser chamadas de profissionais, e ser tratadas como profissionais.

N.M. – Você acha então que as próprias atletas então mudaram o comportamento para serem profissionais, atletas. Mas a estrutura não acompanhou, assim?

M.M. – Com certeza, sem dúvida. Na era do René¹¹, que a gente conversa às vezes, dali já teve uma mentalidade totalmente diferente do que era antes. A gente tinha aquele lado assim um pouco rebelde, mas consciência de que a gente poderia melhorar sim. Mas nosso lado rebelde é esse lado deles não acreditarem na gente, não darem apoio. Então, de qualquer maneira, a gente ia brigando. E hoje a gente já briga, mas com a consciência tranquila, sabendo o que está fazendo, a gente está indo pelo lado certo. A gente já não está dando murro em ponta de faca, como antigamente. Mas, mesmo dessa maneira, a gente ainda é um pouco discriminada ante os que estão aí no poder do futebol.

C.F. – Como você recebeu esse apelido de Formiga?

¹¹ René Rodrigues Simões.

M.M. – Foi justamente nesse campeonato aos doze anos, eu era a menor de todas que estavam inscritas no campeonato, de todos os times. E eu corria o campo inteiro para ajudar minha equipe, como eu acho que até hoje ainda corro. E teve um torcedor que ele acabou colocando meu apelido de formiga, mas eu confesso que no começo eu não gostei muito não, mas vendo pelo lado do meu nome verdadeiro, eu acho que formiga pegou legal. [RISOS]

C.F. – E agora você com trinta e poucos você já está pensando em depois do futebol. O que você quer fazer?

M.M. – Eu quero estar envolvida, eu quero estar envolvida. Fazer uma faculdade de Educação Física, aí terminar, tudo bonitinho. Até me envolver como técnica, já vinha há alguns anos treinando um time no interior do Pará, onde já fui para Noruega com elas, disputar... Meu sonho é estar envolvida, ajudar de alguma maneira, e não se afastar. Acho que todas as ex-jogadoras tem que estar realmente envolvidas. A gente sabe o que a gente passa aqui dentro, cada uma sabe, sabe o caminho certo de levar as meninas, de orientar. Não que as outras pessoas de fora não venham a saber, mas eu acho que é válido uma pessoa que estava ali, conviveu, estar junto, que querendo ou não ajuda quem estava de fora também.

C.F. – E você já jogou fora do Brasil, já jogou em Chicago nos Estados Unidos, vários lugares. Agora você, uma das melhores do Mundo, podia jogar em vários lugares, mas você escolheu jogar aqui, você acha importante? Como você sente estar aqui em Brasil, ainda que não tem tanto apoio, essa escolha, fala um pouco desta escolha.

M.M. – Para mim foi muito [INAUDÍVEL] ficar aqui. Claro que proposta a gente sempre está recebendo, mas tem o lado da família também, claro que isso pesa pra caramba. Como eu já joguei uns três, quatro anos fora, fiquei muito longe da família também. E outra, eu acho que tem que ter alguém aqui sim, vamos dizer assim de nome no país, para que, de uma maneira ou de outra, venha chamar atenção para futebol feminino também. Claro que eu não vou chamar aquela coisa toda, com outras aí. Mas, de alguma forma, a gente acaba ajudando sim, entendeu? E foi uma das coisas que eu pensei. Eu ia embora, mas eu conversei com algumas meninas, com a própria Bagé¹², estava conversando com a Cris¹³, a

¹² Daiane Menezes Rodrigues.

¹³ Cristiane Rozeira de Souza Silva.

respeito. Eu falei: "Vou ficar esse ano e vamos ver ano que vem." Porque eu vou falar uma coisa para você que é verdade, a cada dia o futebol feminino, ele tá indo para baixo, aqui no Brasil. A cada ano que se passa. Hoje, você vê o Paulista¹⁴, quantas equipes têm, para o ano passado. É por isso que, esse lado desta copa do mundo, ela tem que fortalecer o futebol feminino de alguma maneira. Tem que favorecer.

C.F. – Só para terminar...

M.M. – Esse bicho estava comendo meu juízo. [Mosquito intervém na entrevista][RISOS]

C.F. – A última coisa que eu queria perguntar para você. A gente foi para o Rio de Janeiro agora fez um [INAUDÍVEL] com meninas da rua. Foi um time de Brasil, dois países, um de Brasil das meninas. A gente fez oficina das Guerreiras¹⁵, mostrando fotos de jogadoras, falando isso... E uma menina na oficina, de doze anos, se chama Rebeca, ela mora na comunidade da Penha, no Rio. E a gente estava mostrando fotos da Aline Pellegrino, aí uma foto da Marta [INAUDÍVEL]. Ela levantou a mão e falou: "Tem foto da Formiga?"

M.M. – Que lindinha.

C.F. – "Agora não tem, a gente não tem ainda. Mas vamos colocar." Ela falou: "Ela é meu jogador favorito, meu jogador favorito. Quero jogar igual ela." Ela falou: "Você conhece ela?" A gente falou "Sim, conhece". A gente falou com ela depois: "Se você quer a gente chama você agora e dá uma mensagem pra ela. A gente consegue falar com ela, para mandar uma mensagem para ela." Podemos mostrar depois para você, é tipo três minutos de essa Rebeca falando para você. E não sei se dá para você falar alguma coisa pra ela?

M.M. – Com certeza.

C.F. – Ela se chama Rebeca, mora do Rio, e quer ser igual você.

M.M. – Olá Rebeca, a Caitlin acabou de passar aí o que você falou, fico feliz por eu estar te passando algo de bom, de positivo na sua vida. Eu lhe desejo todo sucesso do mundo. Nunca desista do seu sonho, por mais que muitos digam para você que você jamais vai chegar lá. Acredite que você pode sim, mas isso só vai depender de você. Então querida, eu espero um dia te conhecer, vamos ver se a gente faz um bem bolado aí, você vir pra cá pra

¹⁴ Campeonato Paulista de Futebol Feminino.

¹⁵ Coletivo Guerreiras Project.

São Paulo ou eu ir aí para o Rio de Janeiro te conhecer e a gente bater uma bolinha. Um beijão, se cuida e fica com Deus. Sucesso.

N.M. – Obrigada, muito legal.

[FINAL DA ENTREVISTA]